

GOMES, Eustáquio. A turbulenta sucessão de Epitácio Pessoa.
Correio Popular, Campinas, 19 set. 1994. (História das
eleições)

O alagoano Epitácio Pessoa, feito presidente por vontade explícita de mineiros e paulistas, conseguiu em seu governo desagravar a uns e outros. Os civis o consideravam arrogante e perdulário. As classes armadas há muito davam mostras de descontentamento e inquietação. Nesse caso, só restava à oligarquia cafeeira e industrial buscar restabelecer o ritmo da alternância no poder, quebrada com a morte de Rodrigues Alves em 1918, pouco antes de sua posse.

Diante do quadro de quase ingovernabilidade, mineiros e paulistas tratam de antecipar o calendário eleitoral. Em janeiro de 1921 já se fazem articulações abertamente. E quando o marechal Hermes da Fonseca, velho desafeto da Coligação São Paulo-Minas, desembarca de um auto-exílio de seis anos na Europa e surge como pretensor candidato, as lideranças dos dois Estados fecham um acordo rápido em torno do nome de Artur Bernardes, então chefe do governo de Minas.

Em maio a candidatura Bernardes já conta com o apoio de quase todos os Estados, exceto o Rio Grande do Sul. Além do mais, considera prematuro o problema sucessório e se declara empenhado "em que se adote outro processo mais republicano para a escolha do presidente". Grande conchavista, Borges se rebela agora contra os conchavos da política "café com leite". Em torno dele se aglutinam, daí por diante, as dissidências estaduais que a essa altura já pululavam por todo o País.

Luta acirrada

A luta prometia ser a mais intensamente disputada desde o início da República. De um lado estavam as forças do pacto pró-Bernardes; de outro, a coligação reunindo Rio Grande do Sul, Bahia, Pernambuco e Rio de Janeiro e por último a facção militarista pró-Hermes, que depois desistirá da disputa e passará a apoiar o grupo de Nilo.

Em outubro o *Correio da Manhã*, jornal pró-Nilo, inicia a publicação de uma série de cartas atribuídas a Artur Bernardes e dirigidas ao político mineiro Raul Soares, em que se fala muito mal do Exército e em que Hermes é referido como um “sargentão sem

compostura”. As cartas haviam sido fabricadas por dois conhecidos falsários do Rio, mas até que eles próprios viessem a confessar seu crime quase põem a pique a candidatura Bernardes.

Quando as urnas revelaram a vitória de Bernardes por uma diferença de 150 mil votos (apertada, para os padrões da época), a oposição mostrou um inconformismo tal que chegava às raias do desespero. Começou por pedir a verificação dos votos por um “Tribunal de Honra”. Armou-se de uma operação civil-militar para desbancar Eptácio do Catete e impedir a posse de seu sucessor. Os próprios ministros militares diziam que 90% da oficialidade era antibernardista. O golpe fracassou.

Os oito meses que separavam, na época, o dia da eleição do dia da posse veriam outros lances dramáticos, para não dizer tragicômicos. Tendo falecido inesperadamente o vice Urbano dos Santos, a facção derrotada buscou impor, mais uma vez, o nome de J.J. Seabra. E, por último, Eptácio manda prender ninguém menos que o marechal Hermes, sob a acusação de incitar uma guarnição federal a descumprir ordens recebidas. Esse fato determinou a rebelião do Forte de Copacabana, em julho de 1922, e de outras tentativas de levante pelo País. Artur Bernardes recebe um País onde reina uma paz rancorosa, mas também o estado de sítio.

O problema do vice

Para evitar uma ruptura inoportuna com Epitácio, paulistas e mineiros pedem sua bênção à candidatura Bernardes e insistem para que ele indique o nome do vice. Por orgulho ferido ou jogo ético, o presidente se nega a intervir no processo e declara que "a tarefa compete exclusivamente às forças políticas da Nação".

Com a negativa de Epitácio, a questão da escolha do vice abre um novo flanco de disputas cuja turbulência não estava prevista. A Bahia exige a união do nome de J.J. Seabra, enquanto Pernambuco faz questão de que a escolha recaia sobre José Bezerra. E quando se opta por um *tertius*, o maranhense Urbano dos Santos, que já fora vice de Venceslau Brás no pe-

ríodo de 1914-1918, o resultado se revela um desastre: Bahia e Pernambuco se unem em torno de J.J. Seabra. Não atendidos, bandeiam em bloco para os braços de Borges de Medeiros. Está formada a coligação anti-Bernardes.

Para atrair as forças políticas fluminenses, a nova coligação levanta o nome de Nilo Peçanha para a Presidência. O ex-presidente, até aí um dos sustentáculos da candidatura Bernardes, sente a possibilidade de se eleger e aceita a oferta. Funda-se o que se chamou, então, de Reação Republicana. Redige-se às pressas um manifesto à população, J.J. Seabra é candidato a vice.

Quem foi Artur Bernardes

Artur da Silva Bernardes nasceu em Viçosa, Minas Gerais (1875), e morreu no Rio de Janeiro (1955). Advogado, iniciou a vida política como vereador em sua cidade natal, tendo sido depois deputado estadual, deputado federal, secretário das Finanças e governador de Minas Gerais. Eleito presidente da República e concluído seu mandato, foi senador por Minas Gerais. Em 1932 exilou-se depois da tentativa de organizar em Minas um movimento de apoio aos constitucionistas de São Paulo. Deputado federal em

1937, constituinte em 1946, participou em 1954 da campanha pela criação da Petrobrás. Voltou a eleger-se deputado federal nesse ano.

Seu período presidencial transcorreu quase integralmente sob estado de sítio, em razão das rebeliões que rebentaram no Rio Grande do Sul (1923) e em São Paulo (1924), bem como do desenvolvimento da famigerada Coluna Prestes, que percorreu praticamente em todo o País, combatendo, até internar-se na Bolívia em fevereiro de 1927.

O Brasil em 1922

- População: 32.089.925 habitantes.
- Cerca de 30 mil veículos rodavam por avenidas e ruas do País.
- Dívida com os bancos estrangeiros sobe para 121.250 libras (ou 4.850 contos de réis).
- O saldo da balança comercial é de 679 contos de réis.
- Realiza-se em São Paulo a Semana de Arte Moderna.
- Funda-se no Rio o Partido Comunista Brasileiro.
- Brasil comemora o Centenário da Independência.
- Processo carnavalesco: *Eu quero é beliscá*, de Edmundo Souto.

APURAÇÃO

Os números de 1922

Candidatos
Artur Bernardes
Nilo Peçanha

Votação
466.877
317.714

MÁXIMA

"A escolha de meu sucessor compete exclusivamente às forças políticas da Nação,"

Presidente Epitácio Pessoa, ao negar-se a indicar oficialmente a candidatura Artur Bernardes.





O presidente Artur Bernardes posa com seu ministério para a foto oficial em 1922, no dia da posse: governo em tempos de paz rancorosa